Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Pernas de Pau Futebol Clube

Formação do Querência F.C., com Renato Lopes no gol, lembrado até hoje pelas defesas nos campos improvisados da época | Arquivo de Nestor Leme

Antigamente, a maior fonte de diversão da molecada era jogar futebol. Só que, diferente de hoje, quando existe esta fartura de material esportivo, como bolas, chuteiras, uniformes e campos para a prática do esporte, naquele tempo as bolas ou eram feitas de meias, ou de borracha, que faziam arder os pés de quem as chutava. Os uniformes eram os "sem camisa" contra os "com camisa", e os lugares para a prática do esporte... qualquer lugar servia: podia ser gramado, esburacado, de terra batida ou até no meio da rua. Era raro um bairro, sítio ou até uma rua onde não existisse um time de futebol.

Na Rua Visconde, tínhamos o nosso campinho. Na Rua Monteiro Lobato, ficava mais ou menos onde hoje é a Clínica São Francisco, e durou até que o Zeco Turco construiu uma casa no terreno. O duro daquele campinho é que duas moradoras da rua tinham a pachorra de estender roupas para quarar na grama. Eu acho que uma delas, a Dona Olívia, que graças a Deus um dia se mudou com a família, fazia aquilo de propósito só para infernar a molecada.

Na verdade, eu era um dos poucos que não ligava quando isso acontecia. Não era muito chegado a correr atrás da bola; preferia caçar passarinhos ou pescar no Ribeirão do Celeste a jogar futebol. E assim foi por toda a minha adolescência. Só comecei a gostar de futebol aos dezoito anos, quando a turma das guerras de mamonas tinha crescido e fundamos o Rio Branco F.C., time que jogava no terreno onde hoje existe a Rua José Pedro Salomão, na Vila Marly, e que durou até o ano de 1965, quando nossa família mudou-se para a Vila Quirique, no Bairro das Palmeiras.

Lá, onde já tinha amigos, entrei para o elenco do Grêmio Esportivo local, mais conhecido como time do Matadouro – e foi o único time onde eu, corintiano, enverguei camisa futebolística de cor verde, cor que até hoje não gosto de usar.

Bem, tinha entrado no futebol e não esperava que a carreira, embora sem grandes conquistas, iria durar tanto tempo, pois disputei a última partida quando já tinha cinquenta anos, jogando pelo time da Fazenda Campineiro, no Brumado. Jogo em que fiz ala direita do ataque, ao lado do meu filho Ariel, que tinha dezoito anos, e no qual encerrei a carreira.

Ao longo dos mais de trinta anos em que corri atrás da bola – e dos adversários – fiz centenas de amigos, porque tinha o costume de brincar com todos os jogadores que enfrentei. Nosso time tinha como principais rivais o time do Querência, do Bairro das Posses, e o time das Três Barras, do bairro do mesmo nome. Eu, porém, tinha aqueles adversários como amigos, amizade que perdura até hoje, mesmo depois de passados mais de sessenta anos desde que nos enfrentamos no terrão do campo do Querência ou no campo das Três Barras, à beira da rodovia Serra Negra-Lindóia.

Das amizades conseguidas naqueles tempos distantes, sempre me encontro com o Renato Lopes, que foi goleiro do Querência, e com o José Benedito de Godoy, o Zé Barra, que foi goleiro do time das Três Barras. E o assunto das nossas conversas não é outro senão as muitas vezes em que nos enfrentamos em memoráveis partidas futebolísticas.

E o interessante desta história é que só hoje prestamos atenção que, diferente dos goleiros atuais, com quase dois metros de altura, tanto o Renato quanto o Zé Barra não chegam a um metro e setenta – e eram goleiros.

E um dia, na prosa com os dois, por brincadeira falei:

"Disputamos muitas partidas contra vocês e só hoje percebo que éramos mesmo uns pernas de pau, pois o Zé tem um metro e sessenta e dois de altura e o Renato alguns centímetros a mais. E vocês, com essa altura, sumiam debaixo das traves de sete metros de comprimento por quase três de altura, e nós tínhamos dificuldade de marcar gols em vocês."

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Dor

A gente só pensa na dor quando ela chega. Antes disso, ela é sempre dos outros, distante, quase exagero. Dor, para quem não sente, é somente uma palavra. Fico imaginando alguém que vive com dor! Há uma semana, tive uma dor que me agarrou e, agora, estou meio incapacitada. É assim que fica quem está com dor: tem medo de se mexer, não quer falar, não quer papear, não quer pensar. Num dos dias, a dor era tanta que não conseguia nem sair da cama para ir ao banheiro. Fui, mas parecia que minha lombar ia cair.

Dizem que a dor é essencial para a sobrevivência, mas quando estamos sentindo, sofremos e ficamos irritados e ansiosos. Quando eu era mais jovem, via meu pai sofrendo com dor no ciático e não conseguia entender. Depois, eu mesma comecei a ter sinais de que meu ciático, de vez em quando, dava sinais de vida. Nessa crise em que estou, dois primos me contaram situações em que eles também sofrem do mesmo problema eventualmente. Um deles, numa viagem, ficou sem conseguir levantar da cama. Será que é genético?

A verdade é que ninguém deveria sentir dor. A dor pode até ter uma função de proteção, mas quando ela se torna constante, com certa duração, não deixa você fazer nada. Existem dores diferentes - a dor emocional, a física - mas só sabe a sua dimensão quem está sentindo. Em geral, quem apenas observa, muitas vezes nem acredita, porque não está sentindo nada.

Talvez a dor tenha, mesmo, essa função estranha de nos lembrar do corpo, esse lugar que habitamos. E quando ela grita, não há argumento que convença, nem explicação que alivie. Só entende quem já a sentiu. A ironia é que, justo quando a gente acha que está minimamente bem, ela aparece sem convite e bagunça tudo: estraga seu humor, seus planos e até a dignidade, principalmente quando até levantar da cama vira um evento de alto risco. A gente passa a negociar com o próprio corpo: "se eu conseguir virar de lado sem reclamar, já está ótimo". Pequenas vitórias viram grandes conquistas. E tem também o momento em que a gente começa a se comportar de um jeito meio estranho: observa bem a cadeira antes de se sentar, calcula o ângulo do movimento; até espirrar dói. A dor, além de tudo, deixa a gente humilde. E um pouco dramático, é verdade, mas com razão.

Talvez ninguém devesse sentir dor, mesmo. Mas, já que ela aparece sem pedir licença, o jeito é atravessar como dá, entre um cuidado e outro, uma careta e outra e, quando possível, até uma risada meio torta. Porque, se não dá para vencê-la o tempo todo, pelo menos a gente pode, de vez em quando, rir dela - mesmo que seja com cuidado para não torcer a lombar.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

O riso em preto e branco e a arte no coração

***Arte em Toda Parte** | Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Na juventude, confesso que eu não era exatamente o que se chamaria de "uma pessoa feliz". Talvez por isso eu tenha aprendido a valorizar, quase como um artigo de luxo, tudo aquilo que me fizesse rir - ou, nos dias mais difíceis, ao menos esboçar um sorriso. Nessa busca por alento, um dos meus grandes "heróis" foi o comediante Mel Brooks. Ele já me arrancava gargalhadas na infância com o hilário seriado Agente 86, aquela paródia impagável dos filmes de espionagem.

Anos depois, entre o final da década de 70 e o início de 80, eu estava aqui em Serra Negra quando estreou, no saudoso Cine Cardeal, o filme O Jovem Frankenstein. Brooks, em sua genialidade, parodiava ali os antigos clássicos de terror. Corri para comprar meu ingresso: era gargalhada garantida! Para minha surpresa, uma parcela do público não compartilhou do meu entusiasmo. Reclamavam em voz alta, indignados, que o filme era em "preto e branco". Diziam ser um absurdo, um "defeito", já que o filme era novo! Tsc, tsc... Mal sabiam que aquela era uma escolha estética proposital, justamente para homenagear o clima das produções de antigamente. Se soubessem, teriam aproveitado muito mais.

Pelo visto, às vezes precisamos mesmo de uma "ajudinha" de especialistas para rir mais e melhor. E não é que essa oportunidade existe? No dia 19 de abril, às 14h, o Museu ReArte recebe o professor e crítico de cinema Cássio Starling para uma verdadeira "aula de risadaria". Vamos aprender a apreciar as nuances das comédias clássicas e entender por que o riso é uma forma refinada de inteligência. E pode sorrir: a entrada é franca, mas as vagas são limitadas (garanta a sua pelo QRCode da ilustração).

Se, no cinema, um pouco de contexto ajuda, nas artes plásticas o "segredo" é outro. Muita gente acha que precisa de um manual de instruções para entrar em um museu, quando, na verdade, só precisa do coração. Essa é a essência do Slow Art Day, um movimento mundial em que os principais centros culturais reservam o mesmo dia para estimular o público a contemplar as obras sem pressa, dedicando minutos preciosos a cada detalhe e trocando experiências com quem faz a arte acontecer.

Serra Negra já figurou até no aclamado jornal The Washington Post por causa desse evento, e em 2026 não será diferente: no dia 11 de abril (sábado), às 14h, estarei pessoalmente no Museu ReArte para o Slow Art Day Brasil. Apresentarei telas que homenageiam os temas de abril: o riso, a floração das cerejeiras japonesas e o dia dos povos originários. Teremos releituras da Monalisa em diversas etnias, sereias de mitologias variadas, fotografias artísticas e paisagens que evocam lendas japonesas e indígenas. E, claro, não faltarão os meus "causos". Vou compartilhar os bastidores emocionantes e divertidos dessas criações, como a história do maior elogio que já recebi como artista. Não veio de um crítico renomado ou de um grande colecionador. Aconteceu há alguns anos, no Mercado Cultural: um senhor parou diante de uma pintura minha e simplesmente começou a chorar. Quando perguntei o motivo, ele nem sabia explicar. Ele apenas sentiu. Ele apreciou com o coração, sem precisar de currículo acadêmico. Agradeci a ele; ali, minha obra estava completa.

Mas nem tudo é choro! Tenho histórias impagáveis para contar, como o dia em que resolvi "trolar" uma grande amiga e modelo que posou para minhas telas japonesas, cercada por milhares de tsurus de papel. O que aconteceu? Bom... sem mais spoilers! Se você quer ver cores, sentir emoções e descobrir como termina essa e outras peripécias, espero por você no Slow Art Day Brasil: domingo, 11 de abril, às 14h, no Museu ReArte. Venha sem pressa. A alma agradece!

104,5 fm SERRANEGRA

Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!

Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra

www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

O riso em preto e branco e a arte no coração

Arte em Toda Parte | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Na juventude, confesso que eu não era exatamente o que se chamaria de "uma pessoa feliz". Talvez por isso eu tenha aprendido a valorizar, quase como um artigo de luxo, tudo aquilo que me fizesse rir - ou, nos dias mais difíceis, ao menos esboçar um sorriso. Nessa busca por alento, um dos meus grandes "heróis" foi o comediante Mel Brooks. Ele já me arrancava gargalhadas na infância com o hilário seriado Agente 86, aquela paródia impagável dos filmes de espionagem.

Anos depois, entre o final da década de 70 e o início de 80, eu estava aqui em Serra Negra quando estreou, no saudoso Cine Cardeal, o filme O Jovem Frankenstein. Brooks, em sua genialidade, parodiava ali os antigos clássicos de terror. Corri para comprar meu ingresso: era gargalhada garantida! Para minha surpresa, uma parcela do público não compartilhou do meu entusiasmo. Reclamavam em voz alta, indignados, que o filme era em "preto e branco". Diziam ser um absurdo, um "defeito", já que o filme era novo! Tsc, tsc... Mal sabiam que aquela era uma escolha estética proposital, justamente para homenagear o clima das produções de antigamente. Se soubessem, teriam aproveitado muito mais.

Pelo visto, às vezes precisamos mesmo de uma "ajudinha" de especialistas para rir mais e melhor. E não é que essa oportunidade existe? No dia 19 de abril, às 14h, o Museu ReArte recebe o professor e crítico de cinema Cássio Starling para uma verdadeira "aula de risadaria". Vamos aprender a apreciar as nuances das comédias clássicas e entender por que o riso é uma forma refinada de inteligência. E pode sorrir: a entrada é franca, mas as vagas são limitadas (garanta a sua pelo QRCode da ilustração).

Se, no cinema, um pouco de contexto ajuda, nas artes plásticas o "segredo" é outro. Muita gente acha que precisa de um manual de instruções para entrar em um museu, quando, na verdade, só precisa do coração. Essa é a essência do Slow Art Day, um movimento mundial em que os principais centros culturais reservam o mesmo dia para estimular o público a contemplar as obras sem pressa, dedicando minutos preciosos a cada detalhe e trocando experiências com quem faz a arte acontecer.

Serra Negra já figurou até no aclamado jornal The Washington Post por causa desse evento, e em 2026 não será diferente: no dia 11 de abril (sábado), às 14h, estarei pessoalmente no Museu ReArte para o Slow Art Day Brasil. Apresentarei telas que homenageiam os temas de abril: o riso, a floração das cerejeiras japonesas e o dia dos povos originários. Teremos releituras da Monalisa em diversas etnias, sereias de mitologias variadas, fotografias artísticas e paisagens que evocam lendas japonesas e indígenas. E, claro, não faltarão os meus "causos". Vou compartilhar os bastidores emocionantes e divertidos dessas criações, como a história do maior elogio que já recebi como artista. Não veio de um crítico renomado ou de um grande colecionador. Aconteceu há alguns anos, no Mercado Cultural: um senhor parou diante de uma pintura minha e simplesmente começou a chorar. Quando perguntei o motivo, ele nem sabia explicar. Ele apenas sentiu. Ele apreciou com o coração, sem precisar de currículo acadêmico. Agradeci a ele; ali, minha obra estava completa.

Mas nem tudo é choro! Tenho histórias impagáveis para contar, como o dia em que resolvi "trolar" uma grande amiga e modelo que posou para minhas telas japonesas, cercada por milhares de tsurus de papel. O que aconteceu? Bom... sem mais spoilers! Se você quer ver cores, sentir emoções e descobrir como termina essa e outras peripécias, espero por você no Slow Art Day Brasil: domingo, 11 de abril, às 14h, no Museu ReArte. Venha sem pressa. A alma agradece!